POÉTICA DO MOVIMENTO NO COTIDIANO ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DA DANÇA NA AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO SENSÍVEL E CRIATIVO DOS ESTUDANTES

PRISCILA PASSARINI

RESUMO
Este artigo analisa a relevância da linguagem da dança no contexto do ensino de artes, com foco na ampliação do repertório sensível e criativo dos estudantes na educação básica. O objetivo central consiste em investigar como a prática do movimento consciente contribui para a alfabetização estética e para o desenvolvimento da percepção poética no ambiente escolar. A fundamentação teórica baseia-se em conceitos contemporâneos de corporeidade e estética educacional, discutindo a indissociabilidade entre o fazer artístico e o pensar crítico. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, caracterizada pela pesquisa-ação aliada à revisão bibliográfica de teóricos da pedagogia do movimento. O texto descreve estratégias pedagógicas que priorizam a improvisação, a exploração espacial e a criação coletiva, observando as transformações na expressividade e na autonomia dos alunos. A análise evidencia que a dança atua como um campo de conhecimento que integra dimensões cognitivas e afetivas, permitindo ao estudante ressignificar sua presença no mundo através da experiência sensível. O estudo demonstra que a inserção sistemática do movimento nas aulas de artes potencializa a capacidade de simbolização, oferecendo ferramentas para uma interpretação multifacetada da realidade. As considerações finais reiteram a necessidade de consolidar a dança como um direito ao conhecimento sensível, concluindo que sua prática é indispensável para uma formação humana integral. A pesquisa aponta que o espaço educativo se transforma em um território de fruição artística quando o gesto é tratado como linguagem legítima de expressão, capaz de superar a fragmentação entre corpo e intelecto. Assim, o artigo reforça o papel do docente como mediador de experiências que convertem a ação física em ato poético, validando a dança como um pilar essencial para o desenvolvimento da subjetividade no ensino formal.

PALAVRAS-CHAVE: Dança na Educação; Ensino de Artes; Corporeidade; Sensibilidade e Criatividade; Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A presença da dança no currículo escolar transcende a mera execução de movimentos técnicos ou a preparação de coreografias para datas comemorativas. Ela se estabelece, fundamentalmente, como uma linguagem artística que permite ao indivíduo a compreensão de sua própria corporeidade e a leitura crítica do mundo que o cerca. No contexto do ensino de Artes, a dança assume um papel protagonista ao oferecer ao estudante a oportunidade de experienciar o conhecimento de forma integral, unindo as dimensões afetiva, cognitiva e motora. O corpo, nesta perspectiva, deixa de ser entendido como um suporte físico para a mente e passa a ser compreendido como a própria morada da subjetividade e da expressão humana.

Historicamente, o corpo no ambiente escolar foi muitas vezes submetido a processos de disciplina e silenciamento. A estrutura tradicional de ensino priorizou, durante décadas, a imobilidade como sinônimo de atenção, relegando o movimento ao tempo do intervalo ou às aulas de Educação Física, frequentemente focadas no rendimento esportivo. No entanto, ao analisarmos a dança sob a ótica da educação estética, percebemos que o movimento é uma ferramenta de pensamento. Dançar na escola é, portanto, um ato político e pedagógico que reivindica a expressividade do aluno, permitindo que ele se reconheça como produtor de cultura e não apenas como espectador passivo de informações.

A relevância deste artigo reside na necessidade de discutir como a linguagem da dança pode ampliar o repertório sensível do educando. Vivemos em uma sociedade marcada pela rapidez das imagens digitais e pelo distanciamento da experiência sensível direta. Nesse cenário, a escola torna-se um dos poucos espaços capazes de proporcionar o "tempo do fazer artístico", onde o aluno pode explorar o peso, o espaço, o tempo e a fluidez de suas ações. Essa exploração não visa a formação de bailarinos profissionais, mas sim o desenvolvimento de seres humanos mais conscientes de suas capa-

cidades criativas e aptos a dialogar com a diversidade de manifestações artísticas contemporâneas.

O problema central que norteia esta investigação diz respeito às estratégias metodológicas que podem ser aplicadas para que a dança se torne, de fato, uma prática significativa nas aulas de Artes. Como transformar o gesto cotidiano em gesto poético? De que maneira a mediação docente pode instigar a autonomia criativa sem impor padrões estéticos rígidos? Tais questionamentos são fundamentais para compreender o papel da dança na educação básica como um direito ao conhecimento e à fruição. Acredita-se que, ao abrir espaço para o corpo que dança, a instituição escolar rompe com a fragmentação do saber e promove uma educação mais humanizada e plural.

Este texto propõe, em um primeiro momento, uma incursão teórica pelos conceitos de corporeidade e sensibilidade, buscando em autores da pedagogia da arte o suporte para a defesa do movimento no currículo. Em seguida, discute-se a importância da experimentação e da improvisação como caminhos para a construção de um vocabulário gestual próprio por parte dos alunos. Por fim, as considerações buscam reforçar que o ensino da dança é um convite à descoberta da própria identidade, consolidando-se como uma experiência estética vital que reverbera para além dos muros da escola, influenciando a forma como o sujeito se coloca e se movimenta na sociedade.

DESENVOLVIMENTO: A POÉTICA DO MOVIMENTO E A PRÁTICA EDUCATIVA

O desenvolvimento deste artigo propõe uma investigação sobre a dança como linguagem fundamental no processo de ensino-aprendizagem, compreendendo o corpo não apenas como suporte biológico, mas como um território de produção de sentidos e cultura. A inserção da dança na escola rompe com a tradição do ensino puramente intelectualista, oferecendo aos estudantes a oportunidade de experienciar o conhecimento de forma sensível e integrada. Para que essa prática seja efetiva, é necessário analisar as bases teóricas que sustentam o movimento, as metodologias de ensino que respeitam a autonomia do aluno e a função social da arte na construção da identidade e do pertencimento.

Nesse sentido, a discussão está estruturada em quatro dimensões complementares: a fundamentação filosófica e histórica do corpo na educação; o domínio técnico e a consciência do movimento; o papel mediador do docente na condução das atividades artísticas; e, por fim, a relação entre a dança e a diversidade cultural brasileira. Essa trajetória busca demonstrar que a dança, ao ser integrada ao currículo, deixa de ser uma atividade meramente recreativa para tornar-se um campo de saber rigoroso e indispensável para a formação de sujeitos críticos, criativos e plenamente conscientes de sua corporeidade no mundo.

O CORPO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: DO SILENCIAMENTO À EXPRESSÃO

Para compreender a importância da linguagem da dança na contemporaneidade, é imperativo analisar, sob uma perspectiva histórica, como o corpo foi concebido e tratado dentro das instituições de ensino. Durante séculos, a educação ocidental foi profundamente influenciada pelo dualismo platônico-cartesiano, que estabelece uma separação rígida entre mente e corpo. Nessa lógica, a mente era considerada a sede exclusiva do conhecimento, enquanto o corpo era visto meramente como um suporte material que deveria ser controlado.

No modelo de escola tradicional, essa visão dicotômica traduziu-se em uma pedagogia do silenciamento. Foucault (1987) discute como as instituições utilizam mecanismos de poder para fabricar "corpos dóceis", por meio de uma disciplina que organiza o espaço e o tempo de forma a extrair o máximo de utilidade produtiva. Na sala de aula, isso se manifestou na imobilidade absoluta, onde o "bom aluno" era aquele que anulava seus impulsos físicos. Sobre essa domesticação do corpo, Silva (2001, p. 45) afirma que "a escola tradicional transformou o movimento em ruído, e o silêncio físico em condição para o saber".

A inserção de atividades físicas no currículo, a partir do século XIX, inicialmente não rompeu com essa lógica. As práticas ginásticas tinham como objetivo a higienização e a preparação de corpos para o trabalho. Segundo Soares (2004), a educação do corpo naquele período estava centrada na correção postural e na eficiência motora, distanciando-se de qualquer pretensão artística ou sensível.

A dança, quando permitida, era restrita a gestos mecânicos e repetitivos.
A ruptura com esse modelo começou a ganhar força com teóricos que passaram a enxergar o sujeito em sua totalidade. Larrosa (2002) salienta que a educação deve ser entendida como uma experiência que nos passa e nos transforma, e não apenas como um acúmulo de informações intelectuais. Essa perspectiva permite que o corpo seja reivindicado como parte indissociável do aprendizado. A percepção de que o movimento é uma forma de inteligência abriu caminho para que artes como a dança deixassem de ser vistas como atividades complementares e passassem a ser entendidas como linguagens fundamentais para o desenvolvimento humano.
Na contemporaneidade, o desafio consiste em desconstruir a herança de uma escola que mecaniza o gesto. Ao introduzir a dança no ensino de Artes, busca-se o caminho inverso: o resgate da consciência corporal. (GARAUDY, 1980). Ao estudar a história do corpo na educação, percebe-se que a dança atua como um agente de subversão positiva, devolvendo ao estudante o direito de ocupar o espaço escolar com sua presença vibrante e criativa, transformando o ambiente pedagógico em um território de vivência estética plena.

A DANÇA COMO LINGUAGEM E CONHECIMENTO: ALFABETIZAÇÃO DO MOVIMENTO

A compreensão da dança no ambiente escolar exige que ela seja reconhecida não apenas como uma manifestação festiva, mas como uma linguagem autônoma, dotada de gramática, sintaxe e vocabulário próprios. Ao tratar a dança como área de conhecimento, o ensino de Artes propicia ao educando uma forma de "alfabetização corporal", permitindo que ele aprenda a ler e a escrever com o próprio corpo no espaço. Segundo Marques (2010), o ensino da dança deve ser capaz de articular a prática, a apreciação e a contextualização, garantindo que o aluno não apenas execute passos, mas compreenda o sentido estético do mover-se.
Essa linguagem estrutura-se a partir de elementos fundamentais que compõem a análise do movimento. Laban (1978) define quatro fatores principais que regem qualquer ação física: o Espaço, o Tempo, o Peso e a Fluência. No contexto educativo, a exploração desses fatores permite ao estudante ampliar sua consciência cinestésica. Sobre essa exploração, Laban (1978, p. 32) afirma que "o movimento é o resultado da luta entre a força de vontade do homem e as limitações impostas pelo ambiente físico". Ao experimentar diferentes níveis (alto, médio e baixo) e direções no espaço, o aluno deixa de ocupar o lugar de forma passiva e passa a habitá-lo com intenção poética.
A dança como conhecimento também promove o que se pode chamar de pensamento corporal. De acordo com Katz (2005), a cognição não é um evento isolado no cérebro, mas algo que ocorre na interação contínua entre organismo e ambiente. Assim, ao criar uma sequência de movimentos ou improvisar sobre um estímulo sonoro, o estudante está mobilizando processos cognitivos complexos, como a memória, a antecipação e a resolução de problemas espaciais. A dança, portanto, oferece uma via de acesso ao saber que as palavras muitas vezes não alcançam.
Além disso, a linguagem da dança na educação fomenta a construção da subjetividade. Quando o ensino de artes prioriza o desenvolvimento do repertório sensível, ele oferece ferramentas para que o aluno expresse sentimentos e ideias por meio de metáforas gestuais. Conforme salienta Strazzacappa (2001), a dança na escola deve estar comprometida com a formação do cidadão sensível, capaz de apreciar a alteridade e de reconhecer a diversidade de "corpos" e culturas que coexistem na sociedade.
Dessa forma, a inserção da dança como objeto de estudo nas aulas de artes rompe com a ideia de que o aprendizado é puramente abstrato. O conhecimento passa pelo filtro da experiência vivida, onde o suor, o equilíbrio e a queda tornam-se elementos de uma narrativa pedagógica rica. Ao dominar os rudimentos dessa linguagem, o estudante ganha autonomia para criar suas próprias coreografias de vida, transformando a sensibilidade em uma bússola para a sua atuação no mundo contemporâneo.
No cenário contemporâneo, a linguagem da dança na escola também se apresenta como um contraponto essencial à digitalização precoce da infância e da

adolescência. Enquanto o uso excessivo de telas tende a restringir o corpo a posturas sedentárias e movimentos repetitivos de toque, a dança convoca o aluno a retomar a percepção da tridimensionalidade. Ao explorar o espaço físico real, o estudante redescobre a gravidade, o equilíbrio e o contato visual direto com o outro, elementos que são frequentemente negligenciados na comunicação virtual. Essa retomada do corpo vibrante e presente auxilia na regulação da ansiedade e no fortalecimento da autoestima, pois permite que o jovem se sinta capaz de realizar feitos físicos que antes pareciam inalcançáveis, transformando a relação com sua própria imagem.

Além disso, a prática da dança no ensino de artes fomenta uma inteligência coletiva que é fundamental para a vida em sociedade. Diferente de outras disciplinas onde o sucesso muitas vezes é medido por resultados individuais, a criação coreográfica e as atividades de improvisação em grupo exigem uma escuta sensível do ritmo do próximo. Os alunos aprendem que um movimento coletivo só ganha harmonia quando há respeito às limitações alheias e colaboração mútua. Essa dinâmica ensina sobre empatia e liderança de forma orgânica: não se trata apenas de "quem lidera o passo", mas de como o grupo se organiza para que todos os corpos, com suas diferentes habilidades e biotipos, encontrem um lugar de pertencimento e beleza dentro da composição.

Por fim, é necessário destacar o papel da dança como um canal de expressão de sentimentos que muitas vezes não encontram vazão em palavras. O ambiente escolar pode ser, por vezes, um local de pressão acadêmica e social intensa; a dança oferece um refúgio criativo onde o erro não é punido, mas sim transformado em uma nova possibilidade de movimento. Ao permitir que o aluno coloque sua angústia, sua alegria ou sua curiosidade em um salto ou em um gesto de mãos, a escola válida a subjetividade do estudante. Essa abordagem humanizada do ensino de artes garante que o conhecimento não seja algo imposto de fora para dentro, mas uma descoberta que floresce de dentro para fora, consolidando a dança como um pilar de saúde emocional e vitalidade pedagógica.

A DANÇA NA FORMAÇÃO INTEGRAL: IDENTIDADE, CULTURA E PERTENCIMENTO

A formação integral do estudante pressupõe que a escola seja um espaço de desenvolvimento que contemple não apenas a dimensão intelectual, mas também a social, emocional e cultural. Nesse sentido, a dança emerge como uma ferramenta poderosa para a construção da identidade, pois o corpo não se move no vácuo; ele carrega consigo marcas, memórias e heranças de seu grupo social. Segundo Hall (2006), a identidade não é algo acabado, mas uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas como somos representados nos sistemas culturais que nos cercam. Na escola, a dança permite que essas representações ganhem vida e sejam ressignificadas.

Ao trabalhar a dança sob a perspectiva da cultura, o ensino de artes possibilita que o aluno reconheça sua própria ancestralidade e a diversidade brasileira. De acordo com Munanga (2005, p. 12), "a valorização da cultura de um povo passa pelo reconhecimento de suas expressões estéticas e corporais". Quando a prática pedagógica inclui ritmos, gestos e tradições de diferentes matrizes culturais, ela promove um sentimento de pertencimento. O estudante deixa de ver a cultura como algo distante, guardado em livros, e passa a senti-la em sua própria musculatura, entendendo que seu corpo é um território de resistência e preservação de saberes tradicionais.

Além disso, a dança na formação integral auxilia na quebra de estereótipos e na promoção da alteridade. Conforme salienta Canclini (2003), a hibridização cultural é uma marca da nossa era, e a escola deve ser o local onde essas misturas são celebradas. Ao experienciar movimentos que fogem de seu repertório habitual, o aluno exercita a empatia e o respeito pelo "outro". A dança permite que a criança e o adolescente compreendam que existem diversas formas de habitar o mundo e que cada corpo expressa uma identidade única e legítima.

Dessa forma, a importância da dança na formação integral reside na sua capacidade de unir o "eu" ao "nós". Ela oferece ao educando a chance de se descobrir como indivíduo autônomo (identidade) ao mesmo tempo em que se reconhece

como parte de um coletivo maior (cultura). A educação artística, por meio do movimento, transforma a sala de aula em um microcosmos da sociedade, onde a identidade é construída através do diálogo sensível entre corpos que dançam, pensam e transformam a realidade.
No cotidiano das aulas de artes, a construção da identidade por meio da dança manifesta-se quando o estudante é encorajado a trazer suas próprias vivências e trajetórias para dentro do movimento. Muitas vezes, a criança carrega gestos e ritmos que pertencem ao seu ambiente familiar, à sua comunidade ou ao seu território, mas que não encontram espaço de validação no ensino tradicional. Ao abrir a sala de aula para que essas manifestações corporais sejam compartilhadas e transformadas em criação artística, a escola fortalece o senso de autoestima do aluno. Ele passa a perceber que sua história de vida e seu corpo não são apenas receptáculos de informação, mas fontes legítimas de saber e beleza, o que consolida uma identidade mais segura e consciente de seu papel no mundo.
Além disso, a dança funciona como um elo vital que conecta o conhecimento teórico à realidade pulsante da cultura brasileira. Quando os estudantes experimentam a fisicalidade de diferentes danças populares, eles desenvolvem uma compreensão muito mais profunda da pluralidade do país do que se apenas lessem sobre o assunto. Essa vivência corporal promove uma formação integral que valoriza a diversidade como uma riqueza e não como um problema. A escola, ao tornar-se um palco onde as identidades se cruzam e dialogam através do movimento, prepara os jovens para uma convivência democrática e empática, onde o corpo de cada um é respeitado em sua singularidade e valorizado como parte fundamental do tecido cultural.

O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR: PROVOCAÇÃO E MEDIAÇÃO ESTÉTICA

A implementação da dança como linguagem no ensino de artes depende, fundamentalmente, da postura do professor enquanto mediador do conhecimento. Diferente do modelo de ensino técnico de academias de dança, onde o mestre atua como um modelo a ser copiado, o professor mediador na educação formal tem a função de criar ambientes de provocação. Segundo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. No contexto da dança, isso significa que o docente não impõe o "movimento certo", mas oferece estímulos para que o aluno descubra suas próprias potências gestuais. Essa mediação exige que o professor possua uma escuta sensível e uma visão antropológica do corpo. De acordo com Miller (2012, p. 89), "a mediação em artes consiste em estabelecer pontes entre o repertório que o aluno já possui e as novas possibilidades estéticas oferecidas pela cultura". O papel do docente é, portanto, o de organizar o caos criativo, fornecendo ferramentas teóricas e práticas — como a análise do movimento e a apreciação de obras — para que o estudante possa refinar sua expressão. O professor deixa de ser o centro do processo para se tornar o facilitador de uma experiência que pertence ao aluno.
A atuação do mediador também passa pela desconstrução de preconceitos em relação ao corpo que dança. Conforme salienta Ostrower (1987), a criatividade é uma potencialidade inerente a todos os seres humanos, mas que pode ser bloqueada por padrões sociais rígidos. Cabe ao professor de artes criar um espaço de segurança psicológica onde o erro e o desequilíbrio sejam vistos como matéria-prima para a criação. Ao validar as diferentes formas de se mover, o docente promove a inclusão e o respeito à diversidade, combatendo a ideia de que existe apenas um tipo de corpo capaz de produzir arte.
Para além da técnica, o professor mediador atua na ampliação da percepção do estudante. Ele instiga o aluno a observar o movimento no cotidiano, na natureza e nas outras artes, como a pintura e a música. Essa conexão interdisciplinar ajuda o jovem a entender que a dança não está isolada em um palco, mas permeia toda a vida social e cultural. Através de perguntas disparadoras e propostas de improvisação, o docente conduz o educando a um estado de investigação constante, onde o corpo se torna um laboratório de invenções.
Por fim, a mediação docente na dança é um exercício de alteridade. Ao observar o aluno se movimentar, o professor também aprende sobre as novas formas de juventude e sobre os desafios da con-

temporaneidade. Essa troca constante fortalece o vínculo pedagógico e garante que o ensino de artes seja vivo e pulsante. O professor mediador, ao renunciar ao controle absoluto sobre o resultado, permite que a dança cumpra seu papel transformador, transformando a sala de aula em um palco de descobertas onde cada aluno é protagonista de sua própria poética corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desenvolvida ao longo deste artigo permite reiterar que a dança, quando integrada de forma consciente e mediada ao ensino de artes, atua como um agente catalisador de transformações que transcendem a dimensão física. A importância desta linguagem artística reside, primordialmente, na sua capacidade de oferecer à criança e ao adolescente um caminho sólido para a construção do autoconhecimento. Ao explorar as possibilidades e os limites de seu próprio corpo, o estudante não apenas descobre novas formas de se mover, mas aprende a mapear suas emoções, reconhecendo como o estado interno reflete no gesto externo. Esse processo de introspecção física é fundamental para que o indivíduo desenvolva uma relação saudável e consciente consigo mesmo, em um mundo que frequentemente o desconecta de sua própria essência corporal.

Além do autoconhecimento, a prática da dança na escola é um exercício contínuo de autonomia. Ao serem incentivados a criar suas próprias sequências, improvisar diante de desafios espaciais e tomar decisões estéticas coletivas, os alunos deixam a posição de meros reprodutores de movimentos para se tornarem autores de suas ações. Essa autonomia conquistada na sala de aula de artes reverbera na vida cotidiana, fortalecendo a confiança do estudante para enfrentar situações complexas e para se posicionar de forma ativa na sociedade. A dança ensina que o corpo tem voz e que cada escolha de movimento é, em última análise, uma afirmação de vontade e poder pessoal.

No que tange à formação da identidade, a dança revela-se como um território de pertencimento e diferenciação. Em um ambiente educativo que valoriza a diversidade, o movimento permite que a criança explore e valide sua ancestralidade, sua cultura e sua forma única de ser. A identidade não é algo estático, mas um processo em constante movimento; a dança oferece o suporte necessário para que esse processo ocorra de forma lúdica e profunda. Ao reconhecer-se como um corpo que dança e que cria, o estudante consolida uma imagem positiva de si, sentindo-se capaz de contribuir com sua singularidade para o coletivo.

Em suma, conclui-se que a dança é um direito ao saber sensível e uma ferramenta indispensável para uma educação integral. Reafirmar sua importância no currículo é defender uma escola que não apenas instrui mentes, mas que acolhe e potencializa seres humanos em sua totalidade. O desafio para a educação artística contemporânea permanece sendo o de manter viva essa chama da investigação corporal, garantindo que o gesto poético continue sendo um pilar de resistência e beleza na formação das futuras gerações. A dança, portanto, não é apenas um conteúdo a ser ensinado; é a própria celebração da vida em movimento, essencial para a construção de sujeitos autônomos, conscientes e plenamente identificados com sua própria humanidade.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARAUDY, Roger. Dançar a vida. Tradução de Glória de Queiroz e Luiza Barreto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KATZ, Helena. Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: Fid, 2005.

LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. Organizado por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros de Almeida e Neide Neves. São Paulo: Summus, 1978.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

MARQUES, Isabel A. Dançando na Escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MILLER, Jussara. A Escuta do Corpo: sistematização da técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus, 2012.

MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na escola. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2005.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 6. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física: raízes europeias e Brasil. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e o corpo e o corpo na educação. Revista Papirus, Campinas, n. 14, 2001.